

Um universo que se refaz a cada dia

Uma comunidade indígena é um espaço especial em que cada gesto individual e ritualizado reforça a comunidade; ali se reconhece e se reafirma o valor de cada um de seus indivíduos

EMÍLIA MOURA
 Especial para o Estado

Os índios vivem da caça e pesca e moram na floresta. Organizam-se em tribos e o chefe da tribo é o cacique ou morubizaba. Acreditam no Sol, na Lua e no Trovão. O chefe religioso é o pajé. Sua aldeia é a taba, sua casa é a oca e a oca abandonada é a maloca. A praça central da aldeia é a ocará. Nossa língua herdou dos índios muitas palavras como guaçú, mogi, jacira, caipira, mirim, etc. Herdamos também muitos hábitos como de tomar banho todos os dias, dormir em redes, comer frutas silvestres, confeccionar e tocar instrumentos musicais como a maraca. Sua língua é o tupi-guarani. Na época da colonização, os índios não conheciam a agricultura e como não estavam acostumados ao trabalho, por terem uma vida livre na floresta, não se sujeitaram à escravidão.

Em muitos livros de história do Brasil é essa a essência do que é ensinado e do que nossas crianças aprendem sobre aqueles que foram os primeiros habitantes do Brasil. Se fosse apenas isso seria pouco. Muitas vezes, como o Dia do Índio foi instituído e deve ser civicamente comemorado em 19 de abril, não é raro ver professoras montando um cocar, uma tenda e pintando indiozinhos-escolares com a mais tradicional fantasia de índio hollywoodiano.

Por que isso ocorre? Na verdade, ficamos na aparência do conhecimento sobre o modo de vida indígena e conformamo-nos em repetir o que tradicionalmente nos foi dito desde os tempos da colonização. Naquela época não havia interesse em conhecer e registrar o modo de vida deles. Ao europeu não interessava conhecer e sim justificar a penetração e exploração do território que era ocupado por eles.

Quando estudamos a cultura indígena percebemos que não existe igualdade absoluta entre todas as comunidades. Os índios não apenas se dividem em tribos com nomes diferentes, mas as tribos pertencem a nações diferentes. Uma nação é um povo com características próprias, até mesmo linguísticas.

A classificação dos atuais grupos

indígenas não é uma tarefa fácil. A realização de tal projeto tem de levar em consideração uma quantidade enorme de dificuldades materiais a serem superadas e, além disso e principalmente, lutar contra a dificuldade de compreender, aceitar e superar a barreira do reconhecimento da existência de grupos historicamente diferenciados.

Idiomas - No início da colonização, os portugueses entraram em contato primeiro com os tupis, que se localizavam no litoral. Os missionários jesuítas organizaram uma gramática da língua tupi e mantiveram a distância os outros grupos que consideravam povos de língua travada. Firmaram uma tradição de conhecimento dos índios do grupo tupi, o que não se deu em relação aos outros povos. Ficou, assim, a idéia de que a língua falada pelos índios era o tupi. De mesma forma, acredi-

tu-se que os índios eram tupis.

Temos ainda hoje no Brasil grupos indígenas que falam diferentes línguas.

Como não dispõem de outros meios de perpetuação de sua tradição, a não ser o da vivência, muito da cultura desses grupos já se perdeu, está se perdendo ou pode perder-se por falta de registros e estudos adequados.

Hoje, partindo-se dos atuais idiomas falados, tentase levantar gramáticas, fonologias e

vocabulários e, por meio de um método de reconstrução, chegar ao tronco original. Os troncos compõem famílias, as famílias subdividem-se em línguas e estas em dialetos. Foram identificados três troncos principais, o tupi, o macro-jê e aruaque. Há ainda línguas não classificadas em troncos, línguas não classificadas em famílias e tribos que não falam mais línguas indígenas. Por exemplo, dentro do tronco macro-jê podemos encontrar as famílias jê, cariri e borôro, entre outras. Dentro da família jê podemos encontrar as línguas timbira, caiapó, suí, acuê e caingangue. E, dentro da língua caiapó podemos encontrar os dialetos xicrin, gorotire, cuben, crâ-quem e cocraimôro, mecranoti, mentucire e txucarramãe.

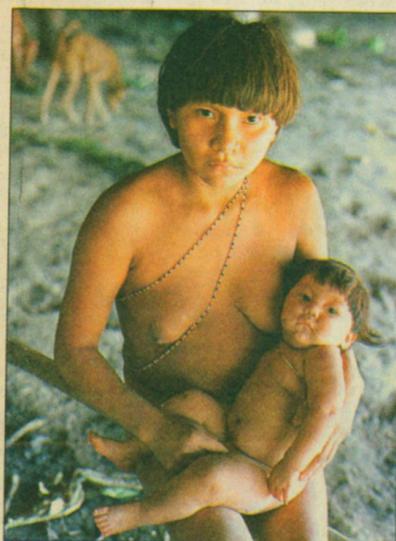
Cada comunidade indígena manifesta-se em sua produção, que é a marca de sua identidade e de seu saber socialmente partilhado. Não po-



PINTURA RITUAL É SEMPRE EXECUTADA PELAS MULHERES

demos analisar a ação de um indivíduo ou de um objeto produzido por ele como algo independente, desligado do todo do qual emerge. Não podemos falar de uma arte indígena por si só. Isso seria transportar para um outro mundo valores e conceitos que nos pertencem.

Dentro da comunidade indígena é por meio da ação particular que o indivíduo compõe a trama de todo o tecido social, material, cultural e espiritual. Nesse grupo social, fortalecem-se e fortalecem a posição de cada um como algo distinto. A ação individual dentro da comunidade indígena tem um caráter particular e coletivo ao mesmo tempo. Ao construir um instrumento musical, por exemplo, o indivíduo é reconhecido pelo grupo por sua realização. Ele se destaca por realizar e a comunidade o valoriza por seu ato. A comunidade é capaz de reconhecer entre os vários instrumentos produzidos quem realizou especificamente aquele objeto. Construir um instrumento, entretanto, não é uma decisão aleatória e o instrumento não pode ser produzido de acordo com os desejos e vontades de seu construtor. Para construir um instrumento musical existem regras a serem obedecidas. Afinal, aquele instrumento será usado para determinada fim. O realizador deverá conhecer essas regras e, dessa forma, a realização faz parte de um domínio de conhecimentos adquiridos. Também não é qualquer um que pode fa-



A face dos índios brasileiros: cada detalhe de pintura corporal, arte plumária ou adornos tem um significado especial, que reforça identidade do indivíduo e do grupo

fazer uma consciência individual e coletiva de que ele que garante a continuidade da comunidade em quanto tal.

Apenas valorizar a maraca caiapó como um "belo instrumento musical" ou a "maravilhosa pintura corporal Xikrin" é esquecer que a atividade de pintura é feminina e que a mulher só pode entrar para o grupo das mulheres pintoras após o nascimento do primeiro filho. São elas que pintam seus filhos, irmãos, maridos e se pintam entre si. Desde criança, as meninas aprendem os riscos da pintura treinando seus traços e educando suas mãos, na areia ou em frutas, nunca num corpo. Após o nascimento de seu filho, a jovem mãe passa a dispor de um suporte em que treinar e inventar combinações com os padrões disponíveis. É em que pode exercitar sua possibilidade criativa. Mas jamais pode ensaiar no corpo de um homem adulto.

O ato de pintar é cerimonial, cheio de etiquetas e o motivo pelo qual é pintado também é cerimonial. O grupo prepara-se e é preparado para participar de cerimônias que representam a essência dos valores das comunidades. Todo o conjunto se reveste de conhecimentos que vão além do saber realizar materialmente a pintura. Todo o conjunto é expresso por meio de atos individuais e coletivos e representa o universo de conhecimentos da comunidade. Cada ato une o indivíduo ao todo, ao seu grupo, à família, aos seres com os quais convive, às suas crenças, ao universo do qual faz parte.

A maraca, instrumento musical caiapó por excelência, vista enquanto instrumento musical é apenas uma maraca. Mas vista como instrumento musical da comunidade caiapó, ela é mais do que um instrumento. Alguém a fez porque sabia fazê-la, podia fazê-la e sabia por que a fazia, num propósito musical e além do musical. Ela é admirada pelos caiapós não apenas por sua eficiência musical, por ter sido feita por alguém específico mas, por tudo isso e muito mais. A maraca representa a somatória dos conhecimentos adquiridos e transmitidos pela comunidade. Ela é um símbolo cuja força vai além de sua realização e função material e por isso é bela.

A maraca incorpora valores, conhecimentos, marcas, identidade, etnia. Sua forma representa o círculo da aldeia, a haste que a atravessa é o centro da aldeia, a praça, o local político por excelência e também o centro do universo. Ela é o símbolo da força política iniciada e transmitida socialmente. Se os caiapós saem em grupos de caça, o mais antigo portador da maraca é o chefe do grupo. Quando saem em busca de um novo terreno para a aldeia é a maraca que levam e penduram numa árvore que será o centro da praça. A maraca é bela porque é boa e verdadeira, porque foi preparada ritualisticamente, porque traz em si as marcas do seu criador, de sua comunidade e do fim ao qual se destina.

Universo - Tudo isso e muito mais poderíamos dizer da maraca que deixou de ser apenas um instrumento musical que herdamos dos índios. Transformou-se num instrumento que, ao ser feito, representa a própria construção de um indivíduo. Esse processo de construção corresponde ao ato conjunto de reconstrução da comunidade da qual esse indivíduo faz parte.

O ato de fazer e cuidar do fazer é brotar para a cultura. É cultivar a própria cultura. Num certo sentido, essa realização impregnada de significados confere ao próprio ato e ao objeto atributos mágicos. É como se o ato realizatório se revestisse da busca da fonte para a perpetuação dos valores em que o indivíduo mantém os liames com o universo e ao mesmo tempo se constrói como pessoa distinta do universo.

Cada comunidade indígena constrói seu universo. Tentar estudar isoladamente um aspecto dessa comunidade, como a arte indígena, por exemplo, é desligar a arte de todo o resto. A arte, como tudo para eles, não é um fenômeno isolado, separado da vida, da família, da religião, da vida social, da política, das crenças e dos costumes. Aceitar como verdade aspectos da produção indígena como fator generalizador de seus traços culturais, desligados do seu contexto criador original, é um ato meramente formal. Essa atitude faz daquele que assim procede um antropólogo da cultura indígena, repetindo o gesto colonial da aniquilação de sua identidade.

Emília Moura é professora de história da arte

105 FM
 É só alegria
ESPACO RAP
 Compre pelo Telemarketing 0800-16.40.55

Do Criador de "Beavis e Butt-Head"
 Uma Comédia Sobre Trabalho e Outras Coisas Desagradáveis
Como Enlouquecer Seu Chefe
 Trabalho é um Saco!
 Assista Hoje Nos Melhores Cinemas
 Consulte Roteiro